

A CIDADE FALADA: UM PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA INCLUSIVO

LA CIUDAD HABLADA: UN PROYECTO DE EXTENSIÓN UNIVERSITARIA INCLUSIVO

THE SPOKEN CITY: AN INCLUSIVE UNIVERSITY EXTENSION PROJECT

SILVEIRA, CAROLINA STOLF

Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (PósARQ/UFSC), com período de doutorado sanduiche na Faculty of Social Sciences na Katholieke Universiteit Leuven (KU Leuven). Professora efetiva do curso de Arquitetura e Urbanismo da UDESC, coordenadora e idealizadora do Projeto de Extensão "A Cidade Falada". E-mail: carolina.silveira@udesc.br.

FERRARO, LUIZA HELENA

Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Santa Catarina. (PósARQ/UFSC) e doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (PROARQ/UFRJ). Professora substituta do curso de Arquitetura e Urbanismo da UDESC, colaboradora do Projeto de Extensão "A Cidade Falada". E-mail: luizaferraro@gmail.com.

BATISTA, JÚLIA FLORIANO

Acadêmica do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UDESC e bolsista do projeto de extensão "A Cidade Falada". E-mail: juliafloriano@hotmail.com.

GODOI, IZABELLE LEAL

Acadêmica do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UDESC e bolsista do projeto de extensão "A Cidade Falada". E-mail: izabellelealdegodoi@hotmail.com.

RESUMO

A acessibilidade, do ponto de vista físico-espacial, tornou-se um fator inerente ao pensamento projetual, seja em novas proposições e adequações ou em discussões decorrentes de pesquisas acadêmicas. No entanto, as barreiras presentes nos espaços urbanos e arquitetônicos ainda são constantes, assim como se observa a necessidade de colocar em prática o amplo conceito de acessibilidade e suas dimensões, dentre elas, a acessibilidade informacional e comunicacional, especialmente no âmbito universitário, junto ao ensino, pesquisa e extensão. A impossibilidade de acesso à informação ou a indisponibilidade de recursos de acessibilidade nos meios de comunicação é uma das principais dificuldades enfrentadas pelas pessoas com deficiência sensorial. Nesse sentido, a extensão universitária "A Cidade Falada" do curso de arquitetura e urbanismo da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) visa promover a inclusão e o acesso à cidade através de descrições por texto, áudio e vídeo acerca dos espaços urbanos, envolvendo a paisagem natural e construída. Também oferece narrativas que trazem reflexões sobre a vida nas cidades e problemáticas urbanas. Assim, este artigo apresenta a extensão, os procedimentos metodológicos adotados e seus principais resultados, instigando pesquisadores e gestores públicos das possibilidades de promover inclusão nas cidades através da utilização de ferramentas digitais e mídias sociais, no âmbito acadêmico e comunitário.

PALAVRAS-CHAVE: acessibilidade; mídias digitais; arquitetura e urbanismo; extensão universitária.

RESUMEN

La accesibilidad, desde el punto de vista físico-espacial, se convierte en un factor inherente al pensamiento del proyecto, se basa en nuevas propuestas y adaptaciones o en discusiones relacionadas con la investigación académica. Sin embargo, las barreras que se presentan en los espacios urbanos y arquitectónicos siguen siendo constantes, así como la necesidad de poner en práctica el concepto de accesibilidad y sus dimensiones, dentro de ellas, a la accesibilidad informativa y comunicacional, especialmente a nivel universitario, junto con la docencia, la investigación y la extensión. La imposibilidad de acceder a información o medios de comunicación es una de las principales barreras para las personas con discapacidad sensorial. En este sentido, el proyecto de extensión universitaria "La Ciudad Hablada" del curso de Arquitectura y Urbanismo de la Universidad Estadual de Santa Catarina (UDESC) tiene como objetivo promover la inclusión y el acceso a la ciudad a través de descripciones online en texto, audio y video de los espacios urbanos, entorno natural y paisaje construido. También ofrece narrativas que perfilan reflexiones sobre la vida en las ciudades y los problemas urbanos. Además, este artículo presenta el Proyecto, los procedimientos metodológicos adoptados y sus principales resultados, instigando a investigadores y gestores públicos sobre las posibilidades de promover la inclusión de las ciudades a través del uso de recursos digitales y redes sociales, no en el ámbito académico y comunitario.

PALABRAS CLAVES: accesibilidad; medios digitales; arquitectura y urbanismo; extensión universitaria.

ABSTRACT

Accessibility, from a physical-spatial point of view, has become an inherent factor in design thinking in new proposals or discussions in academic research. However, the barriers present in urban and indoor spaces are still common, as well as the need to put the accessibility concept into practice, including informational and communicational accessibility, especially in the university context: teaching, research, and extension. The impossibility of accessing information or communication is one of the main barriers faced by people with sensory disabilities. In this sense, the university extension project "A Cidade Falada" of the architecture and urbanism of

State University of Santa Catarina (UDESC) aims to promote inclusion and access to the city through online descriptions by text, audio, and video about the urban spaces, involving the natural and built landscape. It also offers narratives about life in the cities and urban issues. Thus, this article presents the Project, the methodological procedures and its main results, instigating researchers and public managers of the possibilities of promoting inclusion in cities through the use of digital tools and social media, in the academic and community scope.

KEYWORDS: accessibility; digital media; architecture and urbanism, university extension.

Recebido em: 10/12/2021

Aceito em: 14/07/2022

1 INTRODUÇÃO

“A Cidade Falada” é uma extensão da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) do curso de arquitetura e urbanismo sediado em Laguna que visa descrever e oferecer informações detalhadas acerca dos espaços públicos, sejam eles de caráter arquitetônico, paisagístico e/ou urbanístico, envolvendo a configuração urbana, fachadas históricas, paisagens naturais e/ou construídas de forma inclusiva. Os primeiros conteúdos desenvolvidos envolvem a cidade sede do curso, visto seu peso histórico, turístico e de belas paisagens, sendo a terceira cidade mais antiga de Santa Catarina, situada no litoral sul do estado e tendo completado 346 anos em 2022. É reconhecida por ser a terra natal de Anita Garibaldi, a “heroína de dois mundos”, com centro histórico tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) desde 1985. Seu nome é proveniente do complexo lagunar da região, principalmente do encontro da Lagoa Santo Antônio dos Anjos com o mar, sendo melhor apresentada em um dos conteúdos produzidos por áudio e vídeo: “Mapa Falado de Laguna”.

A produção dos conteúdos em texto e áudio é disponibilizada em plataformas de áudio digital, promovendo a inclusão de pessoas com deficiência visual e podendo ser usufruído como áudio-guia por ouvintes, possibilitando o desfrute das informações perante o objeto descrito. O mesmo conteúdo é convertido em vídeos com intérpretes traduzindo o material para a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Também são inseridas legendas em português de modo que surdos oralizados também tenham acesso aos conteúdos gerados ou mesmo estrangeiros através da tradução automática para outros idiomas. As imagens agregadas aos vídeos, assim como os pôsteres de divulgação junto às redes sociais, recebem descrições em texto nas legendas, acessíveis aos leitores de tela. Além disso, a extensão propõe traduzir os conteúdos, para outros idiomas, na voz de acadêmicos imigrantes, sendo acessível para turistas de outros países, assim como para as famílias dos estudantes em intercâmbio na UDESC.

Pauta-se na acessibilidade informacional e comunicacional, a qual considera a diversidade humana e suas distintas características sensoriais, como pessoas com cegueira ou surdez. Dessa forma, este artigo apresenta a extensão “A Cidade Falada”, os procedimentos metodológicos adotados no processo da *práxis*; e seus principais resultados e contribuições para a comunidade. Delineia-se, assim, o conteúdo necessário para tornar possível a expansão e a reprodução do projeto em outros contextos urbanos.

2 O PROJETO

Iniciado em janeiro de 2020, o projeto desenvolveu a maior parte do seu conteúdo no contexto da pandemia de Covid-19, proporcionando um alcance a interfaces não previstas inicialmente, indo além do núcleo lagunense por meio das mídias digitais e redes sociais, democratizando ainda mais o acesso aos materiais gerados.

Idealizado e coordenado pela prof.^a Dr.^a Carolina Stolf Silveira, o projeto conta com a colaboração voluntária da prof.^a Me. Luiza Helena Ferraro e das acadêmicas em arquitetura e urbanismo Izabelle Leal De Godoi e Júlia Floriano Batista - as quais se dedicam e desenvolvem as atividades desde sua origem, acompanhando todo o processo. Desde seu princípio até o presente, o projeto contabiliza a participação de treze discentes, entre bolsistas e voluntários, os quais desenvolveram atividades de pesquisa, produção e divulgação.

Seguindo a premissa do projeto, todo o conteúdo visual é acompanhado de descrições, seja ele estático ou em movimento. Assim, as imagens desse artigo são acompanhadas por seus textos descritivos, a exemplo da Figura 01. É indispensável instituir essa prática, sob a revisão de profissionais especializados, junto às produções acadêmicas e outros conteúdos de acesso público, como canais de notícias e *websites* em geral.

Figura 01: Logomarca do Projeto de Extensão “A Cidade Falada”.



Fonte: Elaborado pelas autoras (2020).

Descrição da imagem: A logomarca do projeto “A Cidade Falada” possui fundo branco com tipografia em preto e símbolo em amarelo. A tipografia de “A CIDADE” está em caixa alta e é visualizada pelo contorno em preto das letras, as quais tem seu traçado levemente interrompido em pequenos trechos pelo fundo branco, dando a impressão de que estão em 3D. Já “falada” está em uma tipografia mais suave e com letras em minúsculo, assemelhando-se a uma caligrafia e está abaixo de “A CIDADE”, ambas alinhadas pela última letra. O símbolo, em amarelo vibrante, alinhado à esquerda de “falada”, mostra a silhueta do contorno de dois edifícios desenhados que se transformam em ondas sonoras.

Vozes Urbanas

Além das descrições, o projeto ampliou seu escopo inicial através de uma vertente intitulada “Vozes Urbanas”, a qual recebe narrativas de profissionais observadores das cidades das mais diversas áreas de atuação. A pauta é aberta, podendo discutir múltiplas temáticas reflexivas de cunho urbano (Figura 02), levantando questionamentos, anseios e necessidades que permeiam a vida nas cidades.

De forma multidisciplinar, psicólogos, por exemplo, podem abordar questões que envolvem a psicologia ambiental e as relações que os espaços incidem sobre os aspectos psíquicos da população; médicos podem narrar sobre a importância de espaços que promovam a saúde pública; geógrafos, biólogos, botânicos sobre questões que envolvem a paisagem urbana e natural, por exemplo; arquitetos, paisagistas, urbanistas sobre planejamento urbano, mobilidade, acessibilidade, patrimônio, biofilia e outras temáticas arquitetônicas e urbanas; sociólogos sobre as diversas questões sociais que envolvem a vida nas cidades. São diversas possibilidades de discussão através de narrativas por voz que refletem experiências profissionais e/ou acadêmicas. Nos trabalhos já realizados, o projeto teve a participação de arquitetos urbanistas, biólogos e jornalistas.

Figura 02: Cartazes de divulgação do Podcast “Vozes Urbanas”, os quais podem ser acessados através das redes sociais do Projeto.



Fonte: Elaborado pelas autoras (2020).

Descrição dos cartazes: Dois cards lado a lado. Ambos tem fundo branco e possuem o mesmo cabeçalho: No topo, sobre uma faixa verde-clara, há uma linha amarela, semelhante a um gráfico, que sugere a silhueta de uma cidade com dois edifícios em tamanhos diferentes que se transformam em ondas sonoras, e na sequência, em letras pretas “VOZES URBANAS”.

Card à esquerda: Acima à direita, a ilustração de uma jarra térmica amarela e logo abaixo desta, alguns grãos de café. No centro, em letras pretas grandes: “As faces da cidade, a fila, o ponto de fuga, a fumaça, o café da esquina. A cidade mora na gente. Há várias

dentro de cada um de nós. A cidade do médico, a cidade do antropólogo, a cidade da criança, a cidade do arquiteto. As vozes urbanas estão sintonizadas nesse novo projeto. Venha conhecer! Links na descrição". Na base do card, da esquerda para a direita, a ilustração estilizada de uma jovem que aparece da cintura para cima. Ela está de perfil voltada para a direita, tem pele branca, cabelos lisos na altura dos ombros e um círculo verde-claro na bochecha. Ela usa blusa de mangas longas verde-clara, fones de ouvidos branco de arco e segura com ambas as mãos uma xícara branca fumegante. No centro, em verde-escuro, os símbolos do Spotify e do YouTube e à direita, a logo da UDESC Laguna em preto.

Card à direita: À esquerda, a ilustração de uma mulher negra de cabelos pretos ondulados na altura dos ombros com franja. Ela está com máscara branca de proteção, usa blazer laranja sobre blusa branca com decote V, calça pantalonada bege e sapatos de salto alto com estampa de oncinha. O braço esquerdo está flexionado com duas sacolas penduradas e com a mão direita segura um celular ao ouvido. Atrás dela, há uma bicicleta laranja com para-lamas marrons e um círculo verde-claro que vai da altura dos joelhos até a cabeça da mulher. Acima desse círculo, há outros círculos menores laranja. À direita do card, em letras maiúsculas pretas e em negrito, "Moça de bicicleta". Logo abaixo em letras maiúsculas pretas, "Estaciona ao lado, para minha surpresa, [...] uma cintilante bicicleta laranja, dessas de aluguel, pilotada por uma jovem elegante e tranquila, apesar da muvuca do trânsito àquela hora". Na base da imagem, à esquerda em letras pretas pequenas "Por Vicente de Paula Loureiro - Doutorando em Urbanismo pela Universidade de Lisboa" e à direita, lado a lado, em verde-escuro, as logos do Spotify e do YouTube, e em seguida na cor preta, a da UDESC Laguna.

Em 2022 o projeto ampliou ainda mais a sua atuação, reorganizou vertentes e enquadrou-se enquanto programa de extensão universitária com quatro ações, mantendo as ações iniciais de descrições e reflexões urbanas, chamadas de **Ação 1: Descrições Urbanas** e **Ação 2: Vozes Urbanas**, acrescentando mais duas outras: **Ação 3: Cidadãos em Debate** – palestras e debates com profissionais com conhecimento e vivências específicas, ampliando o escopo estritamente acadêmico correlato à arquitetura e urbanismo e possibilitando discussões mais amplas entre pessoas que pensam, constroem e vivem o cotidiano das cidades; e **Ação 4: Pesquisa para Todos** – com o objetivo de divulgar os resultados de pesquisas acadêmicas realizadas na Universidade em linguagem simples e acessível.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A democratização no acesso ao conhecimento e as novas formas de aprendizagem têm se estabelecido com o avanço globalizado da internet, de novas tecnologias, plataformas e mídias digitais que proporcionam diferentes interfaces e interações das pessoas na sociedade. A promoção do desenvolvimento humano e da capacidade crítica e reflexiva é amplamente possibilitada pelo mundo conectado e informatizado.

Populações que vivem em localidades remotas, mas que possuem acesso a rede de internet podem receber conteúdo informativo, efetivar seu direito à participação social e mesmo qualificar-se e realizar seus estudos através de diversas plataformas de aprendizagem. A informatização possibilitou expandir as ferramentas de tecnologia assistida de modo que informações textuais possam ser sonorizadas por leitores de tela (softwares com sintetizadores de voz), a tela digital ser ampliada, contrastada e ajustada para melhor conforto visual (tecnologia de comunicação alternativa ou aumentativa), conteúdos em língua estrangeira serem facilmente traduzidos ou legendas na língua desejada que podem ser ativadas e, principalmente o acesso e a possibilidade de participação em atividades antes estritamente presenciais, multiplicou as oportunidades e tornou a localização geográfica pessoal pouco relevante.

Pessoas com Deficiência Sensorial

A restrição ou a ausência de um dos canais sensoriais no ser humano podem se tornar indiferentes quando as informações são apresentadas de modo a serem captadas pelos outros canais disponíveis. Se a visão é ausente, a audição pode ser o receptor e as informações verbais ou textuais, que possam ser lidas por sintetizadores de voz, podem expor o conteúdo. Da mesma forma, se a audição é restrita, as informações podem ser transmitidas de modo textual ou visual.

Segundo dados do Censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), quase 46 milhões de brasileiros, cerca de 24% da população, declarou ter algum grau de dificuldade em pelo menos uma das habilidades investigadas (enxergar, ouvir, caminhar), ou possuir deficiência psicossocial ou cognitiva.

De acordo com a Classificação internacional de Deficiências, Inabilidades e Desvantagens da Organização Mundial de Saúde (*International Classification of Diseases, Ninth Revision, Clinical Modification – ICD 9 CM/WHO*), pessoas com deficiência visual possuem diversos níveis de visão remanescente ou total ausência de visão, variando os graus de: Leve - próximo ao normal 20/30 à 20/60 (isto é, a pessoa consegue enxergar a 20 pés de distância o que uma pessoa com visão normal enxergaria a 30 ou 60 pés); baixa visão moderada 20/80 a 20/150; baixa visão profunda 20/500 à 20/1000; próximo à cegueira 20/1200 a 20/2500; cegueira total com percepção de luz e cegueira total sem percepção de luz.

Da mesma forma, pessoas com deficiência auditiva também possuem diferentes níveis de audição: leve – limiares entre 25 e 40 dB (isto é, dificuldade em ouvir sons suaves); moderada – consegue ouvir sons entre 41 e 70 dB; severa – consegue ouvir sons entre 71 e 90 dB; e profunda – limiares acima de 90 dB. Assim, encontram-se pessoas com deficiência auditiva que conseguem ouvir com o auxílio de aparelhos e pessoas com surdez que mesmo com auxílio de aparelhos não podem ouvir. Neste último caso, há pessoas surdas oralizadas (quando verbalizam e falam o português), sinalizadas (quando se comunicam por Libras) e/ou bilíngues (quando tem fluência em duas línguas: o português e a Libras). Logo, observa-se a heterogeneidade dentro da comunidade surda com pessoas com deficiência auditiva que podem ouvir; surdos que não podem ouvir mesmo com o auxílio de aparelhos; surdos que utilizam Libras; surdos que não utilizam Libras (como no caso de pessoas que perdem a audição aos poucos ou subitamente, em algum momento da vida); dentre outros.

Dentre os 190.755.799 habitantes no Brasil em 2010, 35.774.392 pessoas declararam ter deficiência visual (alguma incapacidade visual, mesmo com o uso de lentes), sendo 29.211.482 com alguma dificuldade de enxergar e 6.562.910 com grande dificuldade ou que não conseguem enxergar de modo algum (baixa visão, cegueira e cegueira severa). No grupo com deficiência auditiva, são 9.717.318 pessoas, sendo 7.573.005 pessoas que afirmaram ter alguma dificuldade em ouvir e 2.143.173 que disseram ter grande dificuldade ou que não conseguem ouvir de modo algum (surdez severa). Considerando a estimativa populacional para 2022 (IBGE, 2022), de cerca de 214,9 milhões de habitantes, chega-se a uma projeção aproximada de 50 milhões de brasileiros com algum tipo de deficiência.

Barreiras e Dimensões da Acessibilidade

Apesar do grande número de pessoas com deficiência, muitas cidades, especialmente àquelas em países em desenvolvimento, como o Brasil, possuem diversos problemas com a falta de acessibilidade, seja ela de origem físico-espacial, informacional, comunicacional e até mesmo atitudinal. A acessibilidade físico-espacial pode ser definida como:

Possibilidade e condição de alcance, percepção e entendimento para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliário, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privado de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou mobilidade reduzida. (ABNT NBR 9050/2021, p. 2, item 3.1.1).

Acessibilidade informacional significa a ausência de barreiras de acesso às informações que geralmente ocorrem por sua própria inexistência, ou ainda, quando existentes, por sua difícil identificação e/ou compreensão. Significa também, possibilitar o alcance às fontes e materiais de informação digital para todas as pessoas de forma autônoma, disponibilizando o acesso aos diferentes formatos digitais como livros, artigos, áudios, páginas web, mídias digitais, dentre outras, através de tecnologias assistivas.

As barreiras de informações nos espaços públicos podem ocorrer quando elementos arquitetônicos (ruas, quadras, edifícios) não possuem diferenciais que possibilitem uma identificação pelo usuário; elementos de informação adicional (placas, mapas, sinais sonoros) são inexistentes ou apresentam informações ambíguas ou de difícil compreensão; elementos de informação verbal (interpessoais) restringem ou impedem a obtenção da informação que auxiliam no processo de compreensão, orientação e comunicação pelo indivíduo. (DISCHINGER et al., 2012).

As barreiras digitais ocorrem quando plataformas *online* não são acessíveis aos leitores de tela ou não possuem tradução de conteúdos verbais/sonoros por legendas ou Língua de Sinais, por exemplo, ou quando o material gráfico como figuras e fotografias não recebem descrição por texto para que pessoas com deficiência visual tenham acesso ao conteúdo. Um exemplo, são as normas técnicas brasileiras, em especial, as de acessibilidade, as quais não possuem a descrição por texto de seus desenhos técnicos, impossibilitando que pessoas com cegueira façam a leitura completa das recomendações que objetivam justamente proporcionar acessibilidade a elas.

Acessibilidade comunicacional, de modo escrito, verbal ou sinalizado, pode ser de caráter interpessoal, como por língua de sinais, linguagem corporal, gestual, comunicação face a face ou através da forma escrita, seja visual, tátil ou sonora, como através do braille, letras ampliadas ou em relevo, e mesmo por comunicação alternativa.

E por fim, a acessibilidade atitudinal refere-se à atitude das pessoas, estabelecidas na esfera social, em que as relações humanas focam as restrições dos indivíduos e não suas habilidades, dificultando a inclusão e a participação de todos na sociedade. A acessibilidade atitudinal pode ser a responsável pelo não

atendimento às outras formas de acessibilidade descritas, uma vez que para serem estabelecidas, dependem das pessoas realizarem ações para colocá-las em prática.

Conteúdo acessível e recursos de acessibilidade

A falta de informação e comunicação acessível pode ser considerada como um dos principais impeditivos de acesso das pessoas com deficiência sensorial às cidades: sua presença poderia significar a compreensão de suas configurações arquitetônicas, urbanas e paisagísticas, bem como acolhimento enquanto cidadão.

Herssens (2011) expõe que uma cidade multissensorial é aquela que proporciona espaços para que o maior número possível de pessoas possam usufruir, ou seja, proporcionar acessibilidade para mais pessoas e suas diferentes habilidades físico-sensoriais, de forma a oferecer experiências que não sejam estritamente visuais ou verbais, utilizando-se os demais canais sensoriais do ser para tornar os espaços inclusivos.

Para que pessoas com cegueira e baixa visão consigam ter uma vida autônoma, existem técnicas de orientação e mobilidade, geralmente ensinadas nas instituições de apoio às pessoas com deficiência visual para que possam aprender a orientar-se e deslocar-se de forma segura, eficiente e independente, tais como as técnicas do guia vidente, da autoproteção, da bengala e do cão-guia. Além disso, existem diversos recursos de acessibilidade, tais como braille, leitores de tela, aplicativos *online* e *QR Codes* (como para leitura de rótulos e identificação de elementos de uma foto, por exemplo), mapas, maquetes, pisos táteis e a áudio-descrição.

A áudio-descrição consiste na descrição clara e objetiva de todas as informações que compreendemos visualmente. Na definição de Livia Motta *et al.* (2010, p. 7), doutora em linguística e áudio-descritora brasileira:

É uma atividade de mediação linguística, uma modalidade de tradução intersemiótica, que transforma o visual em verbal [...]. Além das pessoas com deficiência visual, a áudio-descrição amplia também o entendimento de pessoas com deficiência intelectual, idosos e disléxicos.

A primeira vez que a áudio-descrição apareceu formalmente descrita é na tese apresentada na Universidade de São Francisco pelo norte-americano Gregory Frazier (1975), comprovando a eficácia da técnica através de experiências e mais tarde, sendo aplicada em teatros, museus e cinemas na década de 80, como por exemplo em alguns filmes do Festival de Cannes em 1989 e na televisão no Reino Unido. Rapidamente a técnica estendeu-se por alguns países da Europa. No Brasil, o primeiro filme a receber o recurso foi apenas em 2005.

Conforme investigação de doutorado de Silveira (2017) descrever os espaços públicos das cidades pode configurar-se como um interessante recurso de informação complementar para a população em geral e como uma valiosa ferramenta inclusiva para quem não pode enxergar, promovendo a inclusão dessas pessoas nos espaços em que não se supõe serem desfrutados por pessoas com cegueira. Um exemplo disso, reflete-se em um projeto piloto que foi desenvolvido em sua cidade natal, através da áudio-descrição da estrutura e da paisagem vista do Mirante de Joinville (SILVEIRA, 2018).

O Mirante de Joinville foi reinaugurado no dia 9 de março de 2016 e constitui-se em um espaço público com duas estruturas de mirante, uma maior e outra menor, chamado de Janela, que se integram por uma trilha em meio a Mata Atlântica. Localiza-se no ponto mais alto do Morro da Boa Vista, região central da cidade, sendo possível visualizar a Baía da Babitonga e boa parte da zona urbana. O acesso pode ser feito a pé, de bicicleta e por linhas exclusivas de ônibus. Foi projetado para ser um ponto turístico, mas tornou-se um ponto de lazer, recebendo joinvilenses diariamente, que utilizam o caminho até o Mirante para esporte e lazer.

Incentivada pelas descobertas advindas da tese, a primeira autora desenvolveu o projeto de descrição do Mirante e da Janela, sem fins lucrativos, a partir dos depoimentos do autor do projeto arquitetônico, Vânio Lester Kuntze, arquiteto e urbanista, sobre a estrutura do Mirante e com o geógrafo Jorge Luís Araújo de Campos acerca da paisagem. O projeto contou com o apoio da Associação Joinvilense para Integração dos Deficientes Visuais (AJIDEVI), através do então presidente, Paulo Sérgio Suldovski e da Radiodifusão de Informação da Fundação Cultural de Joinville, a qual realizou a gravação dos áudios na voz da radialista Tusi Helena de Sousa.

Na construção dos textos dos áudios, buscou-se descrever o que era visto, com informações relevantes sobre a arquitetura, a geografia e a configuração da área urbana. Percebeu-se que essas informações eram relevantes não apenas para quem não estava enxergando, mas também para visitantes da cidade ou moradores que não a conheciam tão bem.

A descrição por áudio mostrou-se promissora e cumpriu seu papel de inclusão das pessoas com deficiência visual no mirante da cidade, conforme alguns depoimentos a seguir, repercutindo intensamente na mídia local e estadual: “Dá para ter noção do que tem ao redor, na frente e ao lado e de onde está cada coisa” Jonas Oliveira, com cegueira, 29 anos. “Ali é a Baía Babitonga, do outro lado o bairro Costa e Silva e ali o bairro Cubatão”, José Alberto Miranda, baixa visão, 64 anos - depoimentos para a reportagem do Jornal Globo – GI Santa Catarina em 14 de abril de 2016². “Quando eu enxergava, vim aqui uma vez quando era criança e não entendia bem o que estava vendo. Hoje não enxergo, mas posso ouvir. Legal conhecer a cidade que você mora, os pontos turísticos [...] para mim foi bem especial”, depoimento de Marilza Goes, com cegueira, para a reportagem do Jornal local “Notícias do Dia” do dia 14 de abril de 2016³.

Segundo Silveira (2017, p. 244), “o ato de descrever espaços públicos e de transporte também é encontrado em exemplos como Londres (Inglaterra) e Viena (Áustria)”. Na capital inglesa, existe um *website* (www.describe-online.com), o qual apresenta uma série de guias com descrições em texto de espaços públicos, com o objetivo de informar sua existência, localização, meios de acesso via transporte público, o que oferece e como pode ser utilizado. Apresenta a descrição dos itinerários e estações do transporte coletivo, através do guia de áudio para orientar pessoas com deficiência visual - muito semelhante ao recurso da áudio-descrição.

Na capital austríaca, todas as possíveis viagens dentro da rede de transporte público foram descritas em texto e armazenadas como arquivos de áudio em uma base de dados chamada “POPTIS” (*Pre-On-Post-Trip-Information System*). A base fornece as rotas recomendadas testadas por usuários e professores de orientação e mobilidade do Instituto de Cegos de Viena e outros especialistas. Todas as informações disponibilizadas nas páginas do *website* são acessíveis aos programas de leitor de tela e cada parada é descrita detalhadamente através dos áudios disponibilizados no site.

É importante considerar que a áudio-descrição não é útil apenas para quem não enxerga, pois, ao descrever todos os aspectos do contemplado, também é possível oferecer valiosas informações para todos, como foi observado no Mirante de Joinville, em que pessoas que enxergam, mas desconhecem a cidade ou mesmo queiram entendê-la melhor, pudessem também desfrutar do recurso, ou ainda, como ocorreu durante os espetáculos de dança do Festival de Joinville, em que pessoas que enxergam tiveram a completa compreensão da sinopse, detalhes cenográficos, coreográficos, de figurino e diversas outras informações invisíveis aos olhos leigos.

Pessoas com deficiência auditiva, por sua vez, enfrentam diversas barreiras na comunicação interpessoal e também através dos canais de comunicação por TV e mídias digitais. Pessoas com surdez que utilizam a Língua de Sinais para se comunicar, deparam-se com uma sociedade ouvinte que, em sua maioria, não têm como segunda língua a Libras. O acesso à informação acessível e à vida urbana, como por exemplo, em uma consulta médica, compras na padaria ou qualquer outra ação que necessite comunicar-se com pessoas que não dominam a Libras, torna-se uma barreira ao acesso à cidade e suas oportunidades.

Da mesma forma, uma pessoa com deficiência auditiva que não utiliza Libras, mas realiza a linguagem labial, não poderá compreender a informação repassada, caso o interlocutor não direcione o rosto para o receptor, fale muito rápido, ou ainda, impossibilite essa leitura com o uso de máscaras de proteção sem material transparente, como ocorreu durante a pandemia de Covid-19. A necessidade de legendas em português na mídia em geral também se faz necessária para possibilitar o acesso à informação a surdos oralizados não bilíngues.

O Artigo 1º da Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002 reconhece como “meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados”. A Lei entende Libras como “a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.” (Parágrafo único do Artigo 1º). Através da lei, busca-se garantir “por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Libras como meio de comunicação [...]” (Artigo 2º).

Além da Língua de Sinais e utilização de legendas, outro recurso de acessibilidade para pessoas com deficiência auditiva que podem ouvir com o auxílio de aparelho ou implante coclear, é o aro magnético, o qual auxilia no entendimento da fala humana em locais com muito ruído, sendo ainda pouco utilizado no Brasil, mas extensamente usado no exterior. Entretanto, mesmo pessoas que podem ouvir com o auxílio de aparelhos auditivos comumente sofrem desconforto sonoro, evidenciando a necessidade de legenda e Libras na comunicação. Desta forma, as mídias digitais podem constituir-se em ferramentas acessíveis

para a construção de novas formas de aprendizagem e de democratização do acesso ao conhecimento à sociedade, incluindo pessoas com deficiência sensorial.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Descrever espaços, ato que fazemos corriqueiramente ao orientar uma pessoa como encontrar um lugar, contar uma experiência de viagem ou indicar a localização de determinado elemento em um ambiente, apresenta-se como algo simples. Ao procurar fazer isso para pessoas que não possuem um repertório visual, o desafio se eleva, pois, elementos comuns dos espaços precisam ser descritos com clareza. Além disso, essa descrição também deve oferecer informações relevantes para quem pode enxergar o objeto descrito.

Os procedimentos metodológicos apresentados a seguir visam orientar e incentivar ações similares, assim como registrar a evolução do projeto desde sua proposta inicial, até os resultados gerados. Como forma de sistematizar as primeiras pesquisas, redação e geração de conteúdo por mais de um canal sensorial, buscou-se definir critérios que pudessem orientar as atividades.

O primeiro conteúdo gerado teve como partida a paisagem emblemática da cidade sede do curso de arquitetura e urbanismo da UDESC: o pôr do sol da Lagoa Santo Antônio dos Anjos. Assim, considerando a relevância do centro histórico da cidade, a descrição partiu da paisagem vista do Mercado Público Municipal, o qual se localiza às margens da Lagoa Santo Antônio dos Anjos.

A forma de sistematizar a busca por informação ocorreu por meio da divisão de aspectos comumente presentes nos ambientes urbanos descritos: naturais; históricos e sociais; sensoriais e urbanos e arquitetônicos. Para cada um desses aspectos, buscou-se coletar informações junto a professores, pesquisadores, moradores, bibliografia específica e acervo técnico. Essa forma de divisão serviu como uma linha-guia na busca por informações e especificidades em cada um dos aspectos investigados. No primeiro momento essa divisão foi exitosa, pois permitiu realizar a pesquisa de forma direcionada, organizando as frentes de trabalho em duplas.

O projeto tem suas ações e atividades ocorridas durante o contexto da Pandemia de Covid-19 e, portanto, sem atividades presenciais na universidade. Neste cenário de adaptação para o ensino, pesquisa e extensão, destaca-se que a subdivisão do trabalho em equipes menores garantiu maior produtividade, ocorrendo alinhamentos e trocas pontuais entre todos os participantes do projeto em momentos específicos. Antes de se iniciarem as pesquisas e coleta de informações, cada aspecto foi detalhado nos possíveis elementos que poderiam estar presentes, expostos no Quadro 01.

Quadro 01: Método inicial de divisão do trabalho, organizados pelos aspectos que seriam descritos em cada lugar.

Aspectos	Elementos e especificidades relacionadas	Exemplos associados ao aspecto para se observar no local e buscar informações específicas
Naturais	Fauna, flora, relevo, geografia, hidrografia etc.	Animais específicos, vegetações presentes, morros, declives, áreas verdes, lagoa, mar, rios, córregos e outros corpos d'água.
Histórico e socioeconômicos	História da formação do lugar, fatos particulares ocorridos, lembranças de pessoas, aspectos sociais que ocorreram ou que ocorrem no local.	Marcos históricos, hábitos da população: encontros, feiras, quem circula ou quem permanece ali. Exemplos: senhores que se reúnem em determinado horário do dia para jogar dominó; jovens que se encontram no final do dia no bar, pescadores que amanhecem para o trabalho no local, entre outros.
Sensoriais	Caracterização do ambiente por meio da visão, audição, tato, olfato/paladar.	Som dos pássaros no começo do dia; o cheiro do peixe quando pescadores estão vendendo os produtos, a pedra quente no final do dia na hora do pôr do sol, etc.
Urbanos e arquitetônicos	Formação e consolidação urbana do lugar.	Características gerais de edificações e da malha viária, edifícios emblemáticos, monumentos, vestígios urbanos como indícios de linha férrea, edificações demolidas, etc.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2020).

Contudo, após a imersão nas pesquisas, adaptações mostraram-se necessárias, como unificar as informações coletadas dos aspectos “Históricos e Socioeconômicos” aos “Urbanos e Arquitetônicos”, uma vez que a separação em descrições paralelas não é possível, tendo em vista que história, sociedade, economia e configuração urbana e arquitetônica são fatores intrínsecos. Outra questão foi a supressão do Aspecto Sensorial analisado em separado, sendo necessário imbuí-lo aos demais, de modo a não priorizar a visão única e pessoal de um indivíduo sobre as sensações e percepções que o observador faz, conforme previsto no instrumento metodológico da Observação Incorporada proposto por Rheingantz *et al.* (2009).

A imersão enquanto frequentadores do lugar a ser descrito e a profusão de informações coletadas transformou o início da atividade de descrição um processo ainda mais delicado. Para isso, foi necessário o engajamento e alinhamento da equipe, assim como compreender as informações obtidas em cada aspecto. Esse alinhamento ocorre principalmente em procurar perceber quais informações são técnicas, pessoais e esporádicas para que quando se faça o registro se transmita a mensagem precisa.

O projeto apoia-se na interdisciplinaridade, envolvendo especialistas através de entrevistas diretas abertas, de maneira a elucidar possíveis dúvidas, principalmente em relação a termos específicos, como por exemplo, relativos à paisagem natural, histórica, artística ou mesmo botânica. Professores dos mais diversos centros da universidade contribuíram, como ocorreu no desenvolvimento da descrição do áudio de inauguração do projeto, sobre a paisagem do pôr do sol na Lagoa Santo Antônio dos Anjos em Laguna, em que os professores do curso de Engenharia da Pesca e Ciências Biológicas da UDESC, Micheli Cristina Thomas e Jorge Luiz Rodrigues Filho foram parceiros e descreveram as valiosas informações técnicas contidas no desenvolvimento do texto deste áudio. Além disso, há o envolvimento de estudantes de diversas fases do curso de arquitetura e urbanismo, relacionando as diferentes disciplinas cursadas e aprimorando competências no desenvolvimento das atividades, tais como: observação, percepção e apreensão do objeto a ser descrito, sistematização das ideias, escrita acadêmica e contato com áreas referentes não apenas à arquitetura e ao urbanismo.

Para a narração dos textos, firmou-se parceria com o experiente locutor da Rádio UDESC FM, Salvador dos Santos, narrando com técnica vocal e oferecendo vida às descrições textuais. Da mesma forma, foi realizada a tradução para Libras através das intérpretes Taiana Beche Estivalet e Stephanie Caroline Alves, que atuam junto ao grupo de intérpretes de Libras no Centro de Educação a Distância (CEAD, UDESC) coordenado pela professora Natália Rigo.

Realiza-se também consultoria com profissional especializado em áudio-descrição, o pedagogo José Carlos Rodrigues, pessoa com cegueira total, com notório conhecimento, experiência e vivência prático-pessoal na área da acessibilidade. Catarinense reside em Florianópolis, cidade próxima a principal área de aplicação do projeto, Laguna, também possui habilidades profissionais inerentes ao desenvolvimento do projeto, como em informática através do leitor de tela para leitura e revisão dos textos gerados, correto emprego gramatical e da língua, assim como desenvoltura na fala, com destreza e precisão aos detalhes, especialmente ao compartilhar conhecimento junto aos acadêmicos participantes do projeto.

Por fim, após lapidações, adotou-se o seguinte fluxo de trabalho (resumido na Figura 03): Primeiramente, define-se as frentes de trabalho e as equipes responsáveis. Entende-se que as frentes devem derivar do objeto escolhido, adequando-se melhor a vocação de cada contexto, partindo dos aspectos salientados anteriormente. Em seguida, compreende-se quais serão os métodos de levantamento da documentação direta e indireta mais adequados para cada frente – pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e/ou pesquisa de campo. Só então têm-se a redação dos textos que posteriormente serão revisados pelo consultor em áudio-descrição para verificar se as informações dispostas estão claras e acessíveis.

Após a aprovação da equipe, os textos são encaminhados ao narrador profissional colaborador do projeto. Assim, áudios e textos são encaminhados às intérpretes de Libras para serem traduzidos e gravados em vídeo de forma síncrona com o material original. A equipe retoma esses vídeos e insere legendas e descrições quando o mesmo é acompanhado de imagens (Figura 04). A última etapa envolve o *upload* da gravação em plataformas de áudio digital via *Anchor* (principalmente divulgado via *Spotify*) e os vídeos com Libras são disponibilizados no *YouTube* através do canal do projeto. A divulgação ocorre nas redes sociais da extensão no *Facebook* e no *Instagram* por meio de *cards* acompanhados de descrição revisadas pelo consultor e disponíveis após a *hashtag* #PraTodosVerem, utilizada amplamente em publicações com imagens audiodescritas.

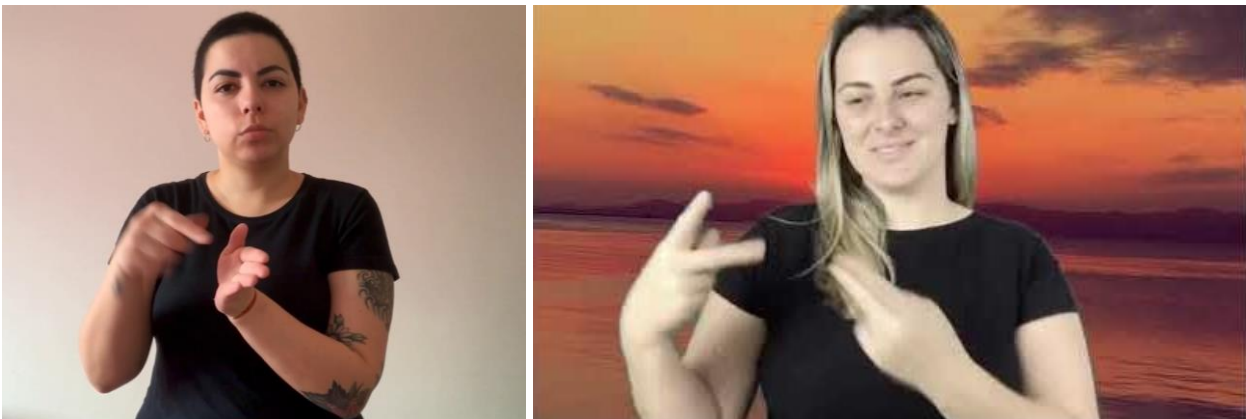
Figura 03: Diagrama de Fluxo de Trabalho



Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

Descrição das imagens: em fundo branco, nove retângulos amarelos dispostos em três colunas são conectados por uma linha pontilhada preta, indicando a ordem de leitura. Cada retângulo contém uma frase que descreve uma etapa do fluxo do trabalho. Em ordem, têm-se “Definição das frentes de trabalho e das equipes”, “Levantamento da documentação direta e indireta”, “Produção dos textos”, “Revisão dos textos junto ao consultor em áudio-descrição”, “Aprovação do texto por toda a equipe”, “Gravação do texto através de narrador profissional”, “Envio do texto e o áudio para tradução síncrona em Libras”, “Adição de legenda ao vídeo em Libras” e “Divulgação do material nas mídias do projeto com descrição nos posts (revisão consultor)”.

Figura 04: Vídeos em Libras disponíveis no canal do YouTube “A Cidade Falada”



Fonte: Canal do Youtube A Cidade Falada¹ (2020).

Descrição das imagens: Dois frames de vídeo lado a lado. À esquerda: Uma mulher branca com cabelos pretos raspados aparece da cintura para cima à frente de um fundo branco. Ela veste blusa preta e se comunica através de Libras. À direita: Uma mulher branca com cabelos loiros na altura dos ombros aparece do peito para cima à frente da imagem de um pôr do sol. Ela veste blusa preta e se comunica através de Libras.

Resultados Obtidos

A extensão divulgou ao todo vinte e nove narrativas até julho de 2022, sendo:

- Sete referentes à Ação 1 – Descrições Urbanas: Aspectos Naturais Observados no Pôr do Sol na Lagoa Santo Antônio dos Anjos”, áudio de inauguração do projeto, a partir da descrição técnica dos professores dos cursos de Engenharia da Pesca e Ciências Biológicas; “Aspetti naturali osservati al tramonto davanti alla Laguna di Santo Antonio dos Anjos nella città di Laguna, SC”, tradução e narração do áudio anterior para o idioma italiano pela acadêmica Gloria Fort, de nacionalidade italiana (Lido de Veneza); “Aspects naturels observés au coucher du soleil devant la Lagune de Santo Antônio dos Anjos à Laguna”, tradução da narração para o idioma francês pela acadêmica Kassira Soule, de nacionalidade beninesa (África); “Testemunho de uma lagoa”, acerca de fatos históricos presenciados pela Lagoa Santo Antônio dos Anjos, ocorridos na área fundacional da cidade de Laguna; “Laguna, naturalmente bela e segura: a

vida abriga-se aqui muito antes da história deixá-la famosa", apresenta uma breve retrospectiva histórica de Laguna, desde seus primeiros habitantes até os dias atuais; "Mapa Falado de Laguna" com a descrição da cidade, suas principais características físicas e geográficas, praias, bairros e principais edifícios – podendo replicar-se para outros municípios; e "Descrição da Paisagem vista do Mirante de Joinville, SC", sobre a estrutura do Mirante e da paisagem urbana e natural contemplada;

- Dezesete referentes à Ação 2 – Vozes Urbanas: A Fila do Sim; Os Direitos Urbanos; A Forma das Cidades; A Cidade Miragem; Pedalandando para o Futuro; A Moça de Bicicleta; O Porteiro que Virou Síndico; Balcão da Vida; Cristo Redentor: o Genius Loci do Rio; Arquitetura da Felicidade; Epifanias Urbanas - por Vicente de Paula Loureiro; Se Essa Rua Fosse Minha (Dia Mundial Sem Carro); A Cidade para todos; Paisagismo e Saúde Pública; Geração Overdose de Telas - por Carolina Stolf Silveira; Os Rumos de Joinville - por Vladimir Tavares Constante; e Por ruas mais amigáveis - por Tarcísio Bahia.
- Quatro referentes à Ação 3 - Cidadinos em Debate: Vida Urbana Positiva - por Natália Fontes Garcia; Ruas Completas - por Carolina Stolf Silveira; Turismo Acessível – com Ednilson Sacramento e Carolina Stolf Silveira; Arquitetura Social, reutilização e reinterpretação de materiais – com a arquiteta brasileira-paraguaia Gloria Cabral.
- E por fim, um referente à Ação 4 - Pesquisa para Todos: "O invisível no visível da Laguna: a presença negra nos espaços do Centro tombado", pelo Laboratório de Arquitetura ARTEMIS - Teorias, Memórias e Histórias da UDESC Laguna.

Dentre as dificuldades encontradas pela equipe, pode-se destacar a escolha pelas palavras e termos mais apropriados para que as descrições dos espaços, bem como dos pôsteres de divulgação fossem condizentes ao objeto descrito. A consultoria com áudio-descritores profissional e ao mesmo tempo, uma pessoa com cegueira total, foi essencial para o aprendizado da equipe de extensão em contato direto.

Além disso, muitas discentes possuem dificuldades em realizar os estudos necessários para a compilação de dados, síntese e redação dos textos, sendo imprescindível a liderança, atuação e revisão constante das professoras do Projeto.

Outro fator a ser mencionado é a necessidade de aprendizado de *softwares* para a edição dos vídeos, bem como a utilização da plataforma Anchor para a edição dos áudios. O design dos pôsteres de divulgação, respectiva descrição e publicação nas redes sociais também exigem treinamento da equipe - mantê-la motivada e alinhada, bem como a constância das publicações são desafios permanentes.

O caráter digital do projeto permitiu alcançar horizontes pouco esperados, como pode-se perceber no acompanhamento da performance do canal de Podcast que possui ouvintes de diversos estados do Brasil, sendo 60% de Santa Catarina e o restante distribuído pelos estados do Rio de Janeiro, Ceará, Mato Grosso, Alagoas, Paraná, Mato Grosso do Sul, São Paulo, Goiás, Rio Grande do Sul e Minas Gerais. Até mesmo em outros países acessos foram identificados, concentrando 74% no Brasil, 24% nos Estados Unidos e os demais na Espanha, Eslováquia e Argentina, sugerindo possivelmente acessos de brasileiros no exterior.

Relação Ensino, Pesquisa e Extensão

A Cidade Falada pode fomentar diversas pesquisas correlatas, envolvendo desde o estudo das configurações arquitetônica, paisagística e urbanística das cidades, até a pesquisa direta com especialistas (geógrafos, urbanistas, arquitetos, institutos e órgãos municipais específicos, tais como o IPHAN) e com usuários fim.

Pesquisas podem utilizar os produtos desenvolvidos pela extensão, ou seja, suas narrativas, para discutir e verificar sua efetiva inclusão por meio das alternativas de acessibilidade informacional que o projeto se propõe. Essas narrativas podem, inclusive, ser aperfeiçoadas e adequadas conforme resultados dessas possíveis pesquisas. No campo de estudos urbanos e comportamentais, por exemplo, utilizar-se dos trabalhos realizados pelo Projeto para avaliar os impactos e percepções em relação aos espaços públicos descritos.

De forma bastante pontual, estudar a percepção dos acadêmicos em relação ao entendimento das questões de acessibilidade, para além da acessibilidade física, é outro caminho de pesquisa. Considerando que o curso de arquitetura e urbanismo na Instituição ainda não possui uma disciplina específica sobre acessibilidade ou desenho universal, nota-se, em geral, que os estudantes que se envolvem na extensão,

desenvolvem mais sensibilidade ao tema. Isso se reflete em um pensamento diferenciado acerca das dimensões da arquitetura, além de soluções projetuais mais atenta aos múltiplos usuários, o que tem se refletido em outras disciplinas durante o percurso acadêmico.

Nota-se em especial, uma procura de estudantes recém-ingressados no curso. Não pode ser afirmado se isso ocorre pelo entusiasmo de ingresso e motivação na participação das atividades universitárias, ou pela associação e provocações que podem surgir em disciplina ministrada na 2ª fase do curso, intitulada “Percepção Ambiental”. Essa, apesar de ter uma carga horária reduzida, 36 horas no semestre, diante da profundidade e complexidade que o tema aborda, pode ser um fator que instiga os estudantes a participarem da extensão, visto que relaciona as sensações e percepções das pessoas no meio em que vivem.

Nesse sentido, o termo inclusão e os requisitos de desenho universal devem permear as disciplinas, evidenciando o importante papel do arquiteto urbanista na promoção de espaços acessíveis a maior gama possível de usuários.

A relação direta de estudantes com as pessoas com deficiência também auxilia para um maior envolvimento e compromisso moral - muito além da obrigatoriedade de atender leis e normas específicas. Essa questão, de certa forma retoma uma possibilidade para o direcionamento da extensão, em envolver, principalmente acadêmicos em fases iniciais, visto que quanto antes essas questões forem inseridas, mais reflexão e conscientização pode provocar nos futuros profissionais.

Diversos atores da cidade e da universidade estão envolvidos com a extensão, dentre eles: Secretaria de Turismo e Lazer; Associações de Pessoas com Deficiência; Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN); Departamentos de Arquitetura e Urbanismo, Engenharia de Pesca e Ciências Biológicas, Geografia, Engenharia Civil e outros que possam ser consultados a fim de colaborar com as ações da extensão A Cidade Falada.

5 CONCLUSÃO

Descrever os espaços que nos cercam possibilita agregar valor ao objeto descrito, trazendo a compreensão de informações complementares que vão além do que se pode enxergar. Para pessoas com cegueira e baixa visão, torna-se um recurso essencial para promover a inclusão em equiparidade de condições com as demais, assim como para pessoas surdas, ao realizar a tradução desse conteúdo para Libras.

A extensão apresentada contribui com o atendimento à Lei Brasileira de Inclusão (LBI nº. 13.146/15), a qual assegura e promove condições de igualdade, exercício dos direitos e liberdades fundamentais, visando a inclusão social e a cidadania da pessoa com deficiência. Está também de acordo com os princípios da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (BRASIL, 2014), especialmente no que atende ao princípio de Igualdade de Oportunidades, o qual define, dentre outros, que a vida cultural e social deve ser acessível a todos. Através do projeto, há também a promoção turística e cultural das cidades envolvidas.

Além disso, a produção desse conteúdo, a realização das pesquisas, assim com as ações desenvolvidas pela extensão “A Cidade Falada” têm proporcionado um olhar mais abrangente e sensível ao corpo docente e discente em relação à acessibilidade e inclusão. Atribui-se a isso as ações das professoras que integram o projeto nas disciplinas teóricas e projetuais, além do corpo discente, que pertence a distintas fases do curso, levando essa discussão para outras disciplinas, ações do curso e posterior vida profissional.

A experiência na criação e primeiras aplicações do projeto permite orientar desdobramentos e mesmo iniciativas similares, além de fundamentar outras projeções que a extensão pode alcançar. Em relação a organização dos procedimentos de trabalho, a hierarquização das informações no decorrer da pesquisa, entre o que é pessoal e o que é técnico, proporciona discussões sobre métodos de pesquisa, ciência e validade das informações, ou seja, conteúdos que nem sempre encontram espaços em disciplinas ou projetos.

No que diz respeito às contribuições de externos ao projeto, para os professores convidados, permitiu a efetiva possibilidade de interdisciplinaridade dos saberes, e de certa forma também, um desafio em propor esclarecimentos e explicações para um público não acadêmico; para os profissionais que publicam suas narrativas, uma forma mais acessível em atingir mais pessoas através de seus artigos, por vezes lidos apenas por um público específico e agora amplamente publicizado; para os acadêmicos estrangeiros que fizeram a tradução, essa inclusão proporcionou o reconhecimento e a integração destes estudantes e sua cultura, nem sempre oportunizados no percurso acadêmico; para o consultor da extensão, o envolvimento com discentes e docentes possibilita o contato direto com uma pessoa com cegueira e o conhecimento

técnico da áudio-descrição; para intérpretes de Libras, um desafio sincronizar a língua de sinais com a fala, mantendo a originalidade das palavras e o sentido da narrativa; para o locutor da universidade, uma experiência de narrativa além dos eventos acadêmicos e rádio universitária.

No que se relaciona aos produtos finais, pode-se afirmar que as informações coletadas para as narrativas significaram uma aproximação, reconhecimento e olhar atento dos estudantes envolvidos no processo, para os espaços que frequentam, e que muitas vezes, pouco percebidos ou refletidos. Em especial, por muitos desses trabalhos terem sido realizados no contexto da pandemia, essa saída para espaços externos com um olhar sensível refletiu em uma profunda imersão no espaço.

Espera-se que o conteúdo gerado pela extensão seja amplamente replicado no país, levando informação acadêmica de forma acessível a quem possa interessar, independente de suas condições sensoriais, assim como reflexões sobre os espaços urbanos e a vida nas cidades, corroborando com discussões municipais e busca por melhores condições de infraestrutura urbana e acesso às oportunidades que as cidades têm a oferecer.

6 REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 9050/2021. Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. Disponível em: <https://www.abntcatalogo.com.br/norma.aspx?ID=461490>. Acessado em 20 de julho de 2021.

BRASIL. Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. 5. ed. - Brasília. Secretaria de Direitos Humanos, Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, 2014.

_____. Lei Federal 13.146/2015, de 06 de julho de 2015. Institui Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com deficiência). Brasília, DF. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acessado em abril de 2016.

_____. Lei Federal 10.436/2002, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília, DF. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acessado em fevereiro de 2014.

DISCHINGER, Marta et al. Promovendo acessibilidade espacial nos edifícios públicos: programa de acessibilidade às pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida nas edificações de uso público. Florianópolis: Mpsc, 2012. 161 p. Disponível em: https://www.mpam.mp.br/attachments/article/5533/manual_acessibilidade_compactado.pdf. Acessado em fevereiro de 2014.

FRAZIER, Gregory. The autobiography of Miss Jane Pitman: an all-audio adaptation of the teleplay for the blind and visually handicapped. Master's Thesis San Francisco State University, San Francisco, 1975.

HERSENS, Jasmien. Designing Architecture for More. A Framework of Haptic Design Parameters with the Experience of People Born Blind. PHL University College-University Hasselt, K.U.Leuven, Flanders. Heverlee, België. 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). População residente, por tipo de deficiência, segundo o sexo e os grupos de idade – Brasil. Censo demográfico 2010. Disponível em https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf. Acessado em junho de 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). População estimada do país chega a 213,3 milhões de habitantes em 2021 – Brasil. Estimativas 2021. Disponível em <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/31458-populacao-estimada-do-pais-chega-a-213-3-milhoes-de-habitantes-em-2021>. Acessado em setembro de 2021.

MOTTA, Livia Maria Villela de Mello et al (org.). Áudio-descrição: transformando imagens em palavras. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 2010. 253 p. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/planejamento/prodam/arquivos/Livro_Audiodescricao.pdf. Acessado em maio de 2014.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). CID-10: Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde. 10a rev. São Paulo. 2006.

RHEINGANTZ, Paulo Afonso; AZEVEDO, Giselle Arteiro; BRASILEIRO, Alice; ALCANTARA, Denise de; QUEIROZ, Mônica. Observando a qualidade do lugar: procedimentos para a avaliação pós-ocupação. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Pós-Graduação em Arquitetura. Rio de Janeiro, 2009.

SILVEIRA, Carolina Stolf. Potencialidades da áudio-descrição para o transporte e para os espaços públicos urbanos. In.: VII Encontro Nacional de Ergonomia do Ambiente Construído / VIII Seminário Brasileiro de Acessibilidade Integral - ENEAC 2018. Disponível em: www.proceedings.blucher.com.br/article-details/potencialidades-do-recurso-da-udio-descrio-para-o-transporte-e-para-os-espaos-pblicos-urbanos-27884.

_____. Orientação e Mobilidade de Pessoas com Deficiência Visual no Meio Urbano e no Transporte Coletivo: Subsídios para Sistemas de Informação ao Usuário. Tese de Doutorado - Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina - PósARQ, UFSC. Florianópolis, 2017. 356p. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/186282>.

7 NOTAS

¹ Disponível em <https://www.youtube.com/channel/UC0grQ8R4RVx60TSRFUZuqrA/videos>, acesso em 06 de agosto de 2020.

² Disponível em <http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2016/04/descricao-permite-cegos-vivenciar-experiencia-de-ir-mirante-em-sc.html>, acesso em 14 de abril de 2016.

³ Disponível em <https://ndmais.com.br/noticias/deficientes-visuais-conhecem-o-mirante-de-joinville/>, acesso em 14 de abril de 2016.

8 AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos estudantes colaboradores envolvidos, por sua dedicação e construção contínua da extensão. Aos professores colaboradores, profissionais convidados e consultor que contribuem com seu conhecimento e experiências na elaboração dos conteúdos e fomentando o aprendizado da equipe. Ao locutor e intérpretes que apoiam e acreditam na extensão. Por fim, ao público em geral que prestigia nosso trabalho.

NOTA DO EDITOR (*): O conteúdo do artigo e as imagens nele publicadas são de responsabilidade do(s) autor(es).